

A teoria das transições como referencial para questões de pesquisa sobre identidade de gênero

The theory of transitions as a framework for research on gender identity

La teoría de las transiciones como marco para la investigación sobre identidad de género

Augusto Krindges¹ ; Jeferson Santos Araujo¹ 

¹Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, SC, Brasil

RESUMO

Objetivo: promover uma reflexão sobre a teoria das transições na perspectiva da identidade de gênero em crianças e adolescentes. **Conteúdo:** estudo descritivo de caráter reflexivo que analisou os aspectos relacionados à transição da identidade de gênero sob a óptica dos pressupostos teóricos das transições. Os resultados da reflexão foram apresentados mediante dois eixos de análise: no primeiro, detalham-se os pressupostos conceituais de Afaf Meleis, e no segundo, explora-se a convergência da teoria de Meleis com as possíveis contribuições para as questões de pesquisa sobre identidade de gênero no que concerne aos seus limites, possibilidades e desdobramentos nos sistemas pessoal, comunitário e social. **Considerações finais:** as reflexões sobre a teoria das transições de Meleis possibilitaram reconhecer e compreender fenômenos que facilitam o processo de transição dessas crianças e adolescentes, tornando a teoria um instrumento de referência para orientar os enfermeiros a desenvolver sua perspicácia para identificar singularidades do indivíduo.

Descritores: Enfermagem; Criança; Adolescente; Pessoas Transgênero; Identidade de Gênero.

ABSTRACT

Objective: to promote a reflection on the Theory of Transitions from the gender identity perspective in children and adolescents. **Content:** a descriptive study of a reflective nature that analyzed the aspects related to the gender identity transition from the perspective of the theoretical assumptions of transitions. The reflection results were presented through two analysis axes: the first one details Afaf Meleis' conceptual assumptions and the second explores the convergence of Meleis' theory with the possible contributions to research questions on gender identity regarding its limits, possibilities and developments in the personal, community and social systems. **Final considerations:** the reflections on Meleis' Theory of Transitions made it possible to recognize and understand phenomena that ease the transition process in these children and adolescents, turning the Theory into a reference instrument to guide nurses in developing their insights to identify individual singularities.

Descriptors: Nursing; Child; Adolescent; Transgender Persons; Gender Identify.

RESUMEN

Objetivo: promover reflexión sobre la Teoría de las Transiciones desde la perspectiva de la identidad de género en niños, niñas y adolescentes. **Contenido:** estudio descriptivo de carácter reflexivo que analizó aspectos relacionados con la transición de identidad de género desde la perspectiva de los presupuestos teóricos de las transiciones. Los resultados se presentaron a través de dos ejes de análisis: el primero detalla los presupuestos conceptuales de Afaf Meleis, mientras que el segundo explora la convergencia de la teoría de Meleis con posibles aportes a la investigación sobre la identidad de género en cuanto a sus límites, posibilidades y despliegues en los sistemas personales, comunitarios y sociales. **Consideraciones finales:** las reflexiones sobre la Teoría de las Transiciones de Meleis permitieron reconocer y comprender fenómenos que facilitan el proceso de transición de estos niños y adolescentes y hacen que la Teoría se convierta en instrumento de referencia para orientar a los enfermeros en el desarrollo de su perspicacia para identificar las particularidades de los sujetos.

Descriptorios: Enfermería; Niño; Adolescente; Personas Transgénero; Identidad de Género.

INTRODUÇÃO

A identidade de gênero é a identificação de homem/mulher ou algo diferente do masculino ou feminino, tornando-se um elemento social em que cabe, a cada um, identificar-se como for melhor para si¹. Contudo, as questões de gênero estão associadas aos hábitos, comportamentos, culturas, crenças e papéis sociais masculinos ou femininos vivenciados numa sociedade, os quais independem do sexo biológico, ou seja, do aparelho genital de nascimento².

O conceito da identidade de gênero está associado à vivência do indivíduo e ao sentimento de pertencimento que apresenta com o seu gênero, podendo ser emocional e psicossocial³, além da sua própria forma de perceber-se, sentir-se e reconhecer-se com o seu gênero, independente do sexo de nascimento⁴. O reconhecimento do gênero desperta o sentimento de disforia de gênero, que resulta da insatisfação afeto/cognitiva com o sexo designado¹.

O presente estudo foi realizado com apoio da Universidade Federal da Fronteira Sul – Brasil (UFFS), Edital 73/GR/UFFS/2023 - Código de Financiamento: PES-2023-0301].

Autor correspondente: Augusto Krindges. E-mail: gus.krindges@gmail.com

Editora Chefe: Cristiane Helena Gallasch; Editora Científica: Thelma Spíndola

Revisão de literatura com 43 estudos desenvolvidos em 17 países, entre os anos de 1968 e 2018, evidenciou as proporções de pessoas transgênero numa estimativa que varia entre 100 e 2000 pessoas para cada 100.000, o que significa, em números percentuais, que 0,1% a 2% da população adulta sejam indivíduos transgêneros. Já entre crianças/adolescentes em idade escolar esse número é maior, variando entre 1,3% e 2,7% da população correspondente⁵.

Estima-se que cerca de 2% da população brasileira seja composta de indivíduos trans⁶. Estudo brasileiro que fez um mapeamento em 2021, identificando o local de nascimento dessa população por regiões, destacou que São Paulo é o Estado onde mais nascem pessoas trans, das quais 41% são mulheres trans e 55% são homens trans. Essa população também está pulverizada em outras regiões, como na Região Sul, com 3% de mulheres transgêneras e 2% de homens transgêneros⁷.

Contudo, a identificação de gênero inicia-se na infância: entre os dois e os quatro anos, o indivíduo já demonstra sinais de identificação do gênero a que pertence; e, entre os 6 e os 7 anos, essas crianças já conseguem interpretar a significância de menina ou menino e os padrões de gênero definidos pela sociedade^{4,8}. Nesse sentido, é fundamental compreender que a identidade de gênero se apresenta em diversas possibilidades como mulher, homem, travesti, agênero, não binário, homem transexual e mulher transexual⁴.

No âmbito dos direitos das pessoas à saúde, a Lei 8.080 confere a todos os cidadãos, dentro do território brasileiro, acesso aos serviços de saúde conforme os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS): universalidade, integralidade e equidade⁹. Mas, apesar da lei, a população transgênera enfrenta muitos desafios para acessar esses serviços, devido ao estigma social enraizado, ao preconceito e à discriminação reinante nos sistemas de saúde, além do desconhecimento dos enfermeiros e dos usuários sobre as políticas existentes para a população LGBTQIAPN+¹⁰.

Os indivíduos transgêneros encontram desafios nas estruturas sociais, como exclusão do meio em que convivem, rejeição familiar, perseguição, abuso, assédio, traumas, violência e até homicídio em casos extremos, porquanto o Brasil, nos últimos 15 anos, é o país que mais mata pessoas trans no mundo¹¹. Além das dificuldades de acesso aos serviços de saúde, a população trans vem desenvolvendo doenças mentais, como, por exemplo, depressão e ansiedade, desencadeando o aumento das tentativas de suicídio, além da alta prevalência de casos de HIV^{12,13}.

Estudo americano demonstrou que algumas dificuldades de acesso na atenção primária de saúde estão relacionadas ao próprio juízo de valor dos usuários transgêneros, como a antecipação dos possíveis tipos de discriminação que enfrentaram, a sua inferiorização e desvalorização pessoal baseada na sua identidade de gênero autodeclarada, e das discriminações e preconceitos reais sofridos. Esses fatores influenciam fortemente o acesso, aumentando as injustiças de saúde e de esfera social para essa população¹⁴.

Embora esteja crescendo o quantitativo de pesquisas sobre questões de gênero, ainda existem lacunas e um distanciamento quando se trata da perspectiva do processo de transição de gênero e a transgeneridade que é vivenciada em sociedade. Para facilitar a compreensão dos processos identitários referentes às questões de gênero, o enfermeiro deve articular ações de cuidado com reflexões sobre a Teoria das Transições de Afaf Meleis como instrumento interpretativo de transição de gênero¹⁵.

Nesse contexto, o presente estudo teve como objetivo promover uma reflexão sobre a teoria das transições na perspectiva da identidade de gênero em crianças e adolescentes.

CONTEÚDO

Estudo de cunho descritivo de caráter reflexivo, que analisou os aspectos relacionados à transição da identidade de gênero sob a óptica dos pressupostos teóricos das transições. Os resultados da reflexão foram apresentados em dois eixos de análise: no primeiro, detalham-se os pressupostos conceituais de Afaf Meleis e, no segundo, explora-se a convergência da teoria de Meleis com as possíveis contribuições para as questões de pesquisa sobre identidade de gênero no que concerne aos seus limites, possibilidades e desdobramentos nos sistemas pessoal, comunitário e social.

Teoria das transições: pressupostos conceituais

Em 1960, a pesquisadora egípcia Afaf Ibrahim Meleis desenvolveu a Teoria das Transições para a sua tese de doutorado, focalizando seus estudos para a transição de fenômenos envolvidos na transformação de ser mãe ou pai. Anos mais tarde, em 1985, Meleis e a pesquisadora Norma Chick conceituaram a Teoria das Transições como intervenções, definindo que a teoria é baseada em transitar de uma condição instável para outra estável¹⁶.

Contudo, a transição visa a alcançar, descrever, interpretar, compreender e explicar fenômenos das mudanças de papéis, as quais produzem transformações comportamentais e sociais da pessoa. A teoria apresenta dois estágios: o primeiro diz respeito às intervenções, ou seja, o suporte e apoio fornecido para uma equipe para promover uma

transição saudável, permitindo o controle das situações; já o segundo estágio é a compreensão da experiencição da transição em si e se destaca por se tratar do processo vivenciado pelo indivíduo¹⁷

A teoria se estrutura em: natureza das transições, padrões de respostas e condicionantes da transição; cada elemento desses se subdivide e se sistematiza em outros eixos para chegar às intervenções terapêuticas ou preventivas (Figura 1).

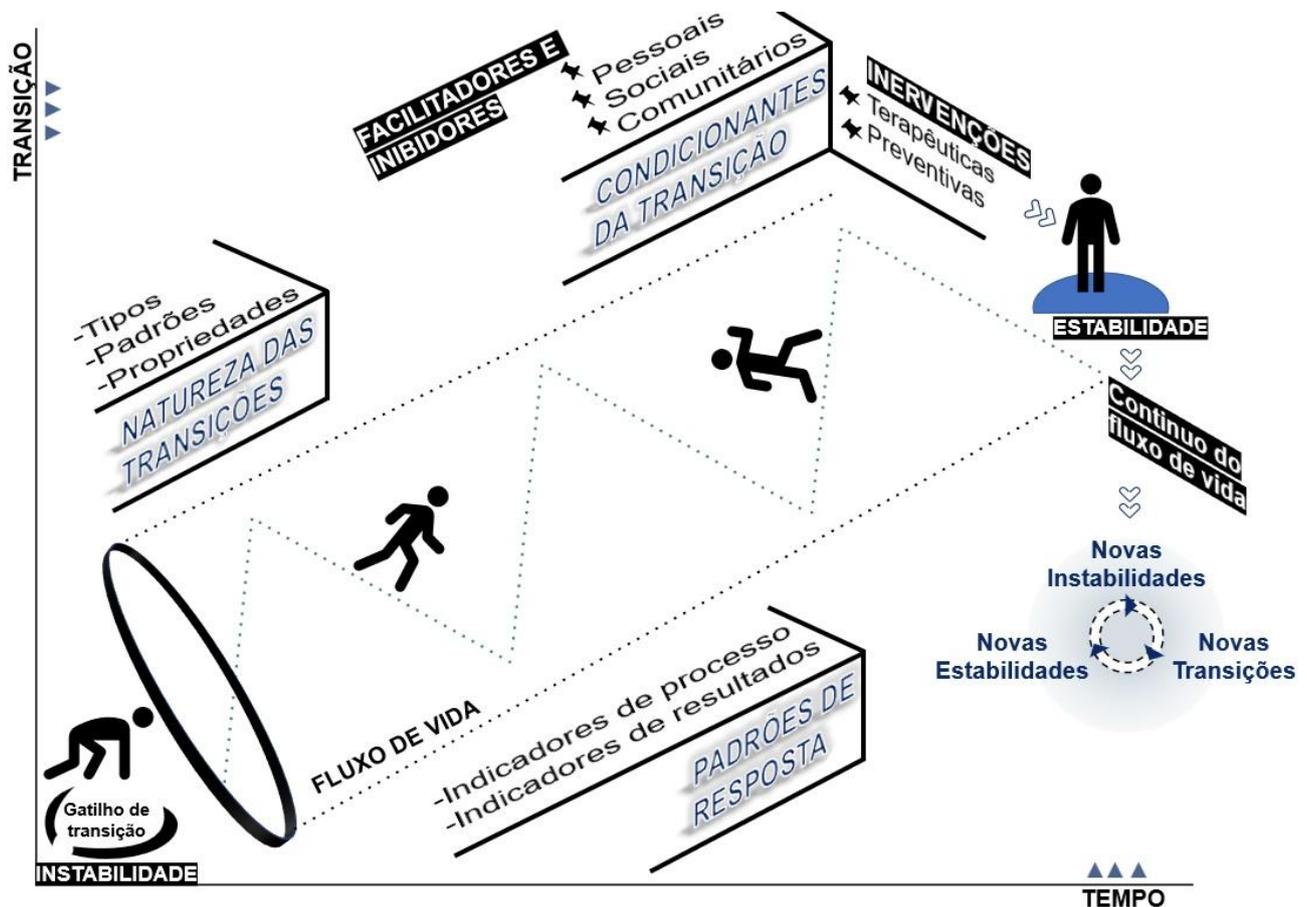


Figura 1: Teoria das transições adaptada ao processo transicional. Chapecó, SC, Brasil, 2024.

Com relação à natureza das transições, são necessários gatilhos de transição para a mudança, espécie de *starts* que se classificam nos tipos: desenvolvimental (alterações no ciclo vital); situacional (mudanças de papéis); saúde/doença, (mudanças do estado de bem-estar para alguma condição patológica); e organizacional (transformações no contexto sociopolítico e econômico)¹⁷.

Os padrões podem acontecer em momentos únicos, múltiplos, sequenciais, simultâneos, relacionados ou não, e compreender as propriedades da teoria, como sua significância, a conscientização do sujeito sobre essa mudança, e assimilar os pontos críticos, as mudanças e diferenças, desconexões, processos e intervalos de tempo que o processo de transição provoca¹⁷.

Os condicionantes da transição se apresentam como pessoais, comunitários e sociais, em situações que podem influenciar como favoráveis ou inibitórias, que podem migrar e estar ao mesmo tempo em circunstâncias favoráveis e/ou desfavoráveis; além disso, nas questões pessoais podemos compreender como condições culturais: crenças, status socioeconômico, conhecimento intelectual e atitudes¹⁶.

Contudo, a teoria propõe os padrões de resposta, comuns a todos os processos de transição, que se subdividem em indicadores de processo, como sentir-se ligado, interagir, situar-se e desenvolver confiança e *coping*; na teoria também encontramos os indicadores de resultados, como a maestria, interação saudável e recursos¹⁶. A pesquisadora demonstra ainda que podem ser elaboradas intervenções para prevenir os gatilhos da transição ou atuar como terapêuticas nos padrões de resposta¹⁷.

Para cada pessoa a percepção e a experiência do processo de transição é singular, complexo e com diversas possibilidades e significados, podendo ser um fluxo de vida constante, originando novas transições, instabilidades e estabilidades; assim, as transformações de rotina, vida, lugares e das pessoas com quem nos relacionamos são consequências diretas que repercutem no processo de transição. A figura 1 esquematiza e exemplifica a teoria criada por Meleis^{15,16}.

Contribuições da Teoria das transições para as questões de pesquisa sobre identidade de gênero

Natureza das transições

Na busca por elucidar o processo de transição de pessoas transgênero, analisamos esse fenômeno na Teoria das Transições de Afaf Meleis. A transição de identidade de gênero geralmente inicia-se com uma instabilidade, quando esses indivíduos se deparam com um sentimento de angústia de não pertencimento ao gênero de nascimento: essa instabilidade é reconhecida como disforia de gênero.

O sentimento disfórico é o gatilho da transição, e nesse caso, a natureza transicional das pessoas transgênero é situacional de padrão único, pois ocorrem mudanças nos papéis sociais e individuais, compreendendo a significância dessa transição, internalizando e externalizando sentimentos e comportamentos que antes eram reprimidos por eles. Esses *insights* podem chegar de diferentes formas, como mudanças comportamentais e uma nova personificação, como a mudança no estilo de roupa, no corte do cabelo, como esse sujeito se expressa socialmente, buscando compreender a sua autopercepção e criação da nova identidade com base nessas transformações.

Condicionantes da transição

As pessoas transgênero encontram questões facilitadoras e inibidoras no processo transicional, que podem ser no nível individual, social e comunitário, pois, nessas circunstâncias, além dos estigmas vinculados à sociedade, também existem os próprios valores arraigados em seu interior que inibem a transição.

Portanto, a sociabilidade pode ser um veículo facilitador nesse processo, por meio de políticas públicas de saúde, programas destinados à população LGBTQIAPN+, além da criação de redes de apoio às pessoas transgênero que podem ser promovidas pela enfermagem na APS.

Os facilitadores fortalecem o direcionamento para uma transição saudável por meio de medidas terapêuticas, pautadas na promoção da saúde e na prevenção de doenças, fornecendo um atendimento humanizado e singularizado. Mas ainda há pessoas transgêneras disfóricas que enfrentam serviços de saúde desalinhados, sem estratégias nem encaminhamentos efetivos que atendam a singularidade com ações inclusivas de políticas públicas específicas para a população LGBTQIAPN+¹⁸. Essas particularidades são condicionantes dificultadores no processo de transição conforme a teoria das transições^{15,16,17}.

Contudo, outro ponto importante que repercute no processo de transição dentro das esferas sociais é o despreparo profissional, pois os profissionais assumem uma postura de invisibilidade e negam que a discriminação e o preconceito afetem a busca dos serviços; essas concepções atrasam o processo de transição, pois as pessoas transgêneras não sentem vontade de procurar os serviços de saúde por sentirem negligenciadas suas identidades de gênero quando não são utilizados seus nomes sociais^{18,19,20}. Nesse caso, os profissionais poderiam usar estratégias de acolhimento, como, por exemplo: perguntar “como você gostaria de ser chamado” e/ou “qual é o seu pronome”. Essas condutas aumentam o vínculo e facilitam a transição.

Padrões de respostas

Nesse cenário, os padrões de respostas, representados pelos indicadores de processos e indicadores de resultados na transição de crianças e de adolescentes transgêneros, estão relacionados ao envolvimento de seus familiares e ao nível de tolerância e de aceitação do processo de transição e desenvolvendo ambientes de vínculo e confiança com seus filhos, contando com apoio intersetorial dos professores e dos profissionais enfermeiros com os quais estão em contato e que se adaptam à perspectiva de gênero dessas crianças e adolescentes transgêneros, proporcionando compreensão do processo e alcançando os indicadores de resultados propostos.

Pessoas disfóricas enfrentam processos internos e externos durante a transição, e a compreensão deles é interpretada como um indicador de resultado: o indivíduo passará por um processo de aceitação de si, do que é ser uma pessoa transgênera por meio de novos significados e comportamentos; essa ação demonstra o desenvolvimento do processo.

Contribuições da enfermagem

A compreensão da transição de identidade de gênero fornece aos enfermeiros subsídios teóricos e práticos para implantar meios de assistência à saúde pactuados nos princípios das políticas públicas sociais e de saúde, bem como

para ampliar a sensibilidade para atendimentos singularizados e humanizados, promotores de redes de apoio significativas para reconhecer outros campos de atuação da enfermagem que ainda carecem de cuidados especiais, como o preparo dos pais e familiares para a transição de gênero²¹. Além dos pais, a enfermagem é uma das principais redes de apoio que podem contribuir na criação de estratégias terapêuticas, além de incentivar a promoção de um transitar saudável.

A identificação antecipada de facilitadores e inibidores do processo de transição permite que os profissionais recomendem intervenções de enfermagem para que essas crianças e adolescentes façam a transição de forma saudável, e para isso existem algumas diretrizes²² que podem auxiliar a equipe de enfermagem para consolidar uma práxis assistencial na perspectiva da identidade de gênero.

Por isso, a equipe de enfermagem precisa estar sensibilizada para buscar conhecimento e desenvolver habilidades para prestar o cuidado singularizado e integral com uma equipe multiprofissional, buscando atender as questões psicossociais na autoestima, na afirmação do seu gênero pertencente, na orientação sexual, no prazer e na satisfação de vida, além de discutir sobre os impactos do tratamento hormonal na saúde e na expressão social²².

Um estudo²³ pondera que a enfermagem precisa estar sensibilizada para criar espaços respeitosos e de acolhimento, envolvendo redes de apoio familiares, educacionais e profissionais, enfermeiros capazes de romper concepções biomédicas e curativistas para promover a implantação de Políticas Públicas que reconheçam a diversidade de gêneros existente, quebrando paradigmas e preconceitos sociais. No entanto, garantir transições saudáveis representa um desafio substancial para os enfermeiros, uma vez que cada indivíduo é único e possui suas próprias singularidades, necessitando desenvolver novas habilidades e responsabilidades durante esse processo²³.

Cabe à enfermagem identificar os fatores desencadeadores iniciais (gatilhos de transição) da disforia de gênero, os quais proporcionam situações de instabilidade, a fim de compreender as complexidades inerentes à transição e, assim, prestar assistência assertiva com a implantação de Projetos Terapêuticos Singulares (PTS)²⁴ a crianças e adolescentes e seus familiares, contribuindo no processo de exploração da vivência das suas novas concepções de identidade de gênero, colaborando para que ocorra uma identificação precoce, a fim de minimizar sofrimentos, desconfortos e negligência, condutas equivocadas que não estão sintonizadas com o estágio transicional em que o paciente se encontra.

De fato, o enfermeiro desempenha um papel que pode facilitar ou dificultar esse processo, uma vez que, ao se familiarizar com as políticas vigentes, como a Política Nacional de Saúde Integral da População LGBT de 2013²⁵, os protocolos, cartilhas, manuais de acolhimento e atendimento a pessoas transgêneras, mais facilmente compreendem conceitos fundamentais que auxiliam a adaptação e a singularização das consultas para uma nova perspectiva de identidade de gênero, ao mesmo tempo que promovem o fortalecimento emocional e encorajam a criação de grupos de diálogo com familiares acerca dessa temática, podendo criar condições propícias para a transição saudável com a criação de espaços de discussão para compreender o que é ser transgênero e o quanto é complexo e singular o transitar de cada paciente, percebendo que esse é um processo que se inicia internamente e que demanda muito autoconhecimento, amor próprio e autoestima.

Para tanto, são sugeridas algumas intervenções para nortear e aprimorar a prática do cuidado de enfermagem com crianças e adolescentes transgêneros, como o fortalecimento das políticas públicas, sensibilização e desburocratização dos profissionais ao uso do nome social, além de encorajá-los a introduzir uma abordagem terapêutica voltada para afirmar o gênero correspondente, identificação precoce de situações de disforia de gênero, trabalhando uma abordagem em saúde mental para as crianças, adolescentes, integrantes do núcleo familiar e companheiros¹⁸.

Além disso, é imprescindível que os enfermeiros orientem seus pacientes e familiares sobre a relevância do acompanhamento com uma equipe multidisciplinar, a fim de desenvolver estratégias que promovam transições saudáveis, assegurando a qualidade de vida e mitigando as disforias de gênero. Essas estratégias devem incluir o uso de palavras de afirmação, intervenções corporais, bem como mudanças nos papéis e expressões sociais, alinhando o corpo e a mente à identidade de gênero almejada pelo indivíduo^{18,26}.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões sobre a teoria das transições de Meleis possibilitaram reconhecer e compreender fenômenos que facilitam o processo de transição dessas crianças e adolescentes, tornando essa teoria um instrumento de referência para orientar os enfermeiros, colaborando para desenvolver sua perspicácia diante da singularidade do indivíduo. Espera-se que as possíveis intervenções de enfermagem trazidas possam colaborar para direcionar sua tomada de decisão como principais redes de apoio, além de aprofundar a compreensão do processo de transição, sensibilizando os enfermeiros para auxiliarem crianças e adolescentes na afirmação de sua identidade de gênero e na transição de forma saudável.

Recomenda-se realizar uma revisão das políticas públicas de saúde voltadas ao público transgênero, introduzir esses assuntos nas diretrizes curriculares de formação, além de investir nessa linha de pesquisa, proporcionando a criação de protocolos que orientem os enfermeiros. Por fim, defende-se que os profissionais da enfermagem precisam estar sensibilizados para o processo de transição de crianças e adolescentes transgêneros para promover transições saudáveis.

REFERÊNCIAS

1. American Psychiatric Association. DSM-5. Porto Alegre: Artmed Editora; 2014.
2. Pisticelli A. Gênero: a história de um conceito. In: Almeida HB, Szwako JE. Diferenças, igualdade. São Paulo: Berlendis & Vertecchia; 2009 [cited 2024 Jun 6]; p.116-48. Available from: <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/1524>.
3. Boehler A, Azevedo I, Beres T, Goldberg L, Vieira D, et al. Incongruência/Disforia de Gênero: Atualizado e revisado. Sociedade Brasileira de Pediatria. 2019 [cited 2024 Aug 6]. Available from: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/Adolescencia_-_16_-_22373c-GPA_-_Incongruencia-DisforiaGenero.pdf.
4. Ssadeh A. Como lidar com a disforia de gênero (transexualidade). 2nd rev. ed. São Paulo: Hogrefe; 2019.
5. Goodman M, Adams N, Corneil T, Kreukels B, Motmans J, Coleman E. Size and distribution of transgender and gender nonconforming populations. *Endocrinol Metab Clin North Am*. 2019 [cited 2024 Aug 31]; 48(2):303–21. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ecl.2019.01.001>.
6. Benevides BG, Nogueira SNB. Dossiê dos assassinatos e da violência contra pessoas trans em 2019. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE; 2020 [cited 2024 Aug 31]. Available from: <https://antrabrasil.org/wp-content/uploads/2020/01/dossic3aa-dos-assassinatos-e-da-violc3aancia-contra-pessoas-trans-em-2019.pdf>.
7. Centro de Estudos de Cultura Contemporânea. Mapeamento das pessoas trans no município de São Paulo. São Paulo: Centro de Estudos de Cultura Contemporânea; 2021 [cited 2024 Aug 31]. Available from: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/direitos_humanos/LGBT/AnexoB_Relatorio_Final_Mapeamento_Pessoas_Trans_Fase1.pdf.
8. Fausto SA. The dynamic development of gender variability. *J Homosex*. 2012 [cited 2024 Aug 31]; 59(3):398–421. DOI: <https://doi.org/10.1080/00918369.2012.653310>.
9. Presidência da República (Br). Lei No 8.080, DE 19 de setembro de 1990. Brasília: Presidência da República; 2022 [cited 2024 Aug 31]. Available from: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8080.htm.
10. Sousa D, Iriart J. “Viver dignamente”: necessidades e demandas de saúde de homens trans em Salvador, Bahia, Brasil. *Cad. Saúde Pública*. 2018 [cited 2024 Aug 31]; 34(10):e00036318. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00036318>.
11. Benevides BG. Dossiê Assassinatos e Violências contra Travestis e Transexuais Brasileiras em 2022. Brasília: ANTRA; 2023 [cited 2024 Sep 10]. Available from: <https://observatoriolgbtima.com.br/docs/dossie-assassinatos-e-violencias-contra-travestis-e-transexuais-brasileiras-em-2022/>.
12. Nadal KL, Davidoff KC, Fujii-Doe W. Transgender women and the sex work industry: roots in systemic, institutional, and interpersonal discrimination. *J Trauma Dissociation*. 2014 [cited 2024 Aug 31]; 15(2):169–83. DOI: <https://doi.org/10.1080/15299732.2014.867572>.
13. Monteiro S, Brigeiro M, Barbosa RM. Saúde e direitos da população trans. *Cad. Saúde Pública*. 2019 [cited 2024 Aug 31]; 35(4):e047119. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00047119>.
14. Whitehead J, Shaver J, Stephenson R. Outness, stigma, and primary health care utilization among rural LGBT populations. *PLoS ONE*. 2016 [cited 2024 Aug 31]; 11(1):0146139. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0146139>.
15. Meleis AI. *Theoretical nursing: development and progress*. Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins; 2007.
16. Meleis AI, Sawyer LM, Im EO, Hilfinger Messias DK, Schumacher K. Experiencing transitions: an emerging middle-range theory. *ANS Adv Nurs Sci*. 2000 [cited 2024 Aug 31]; 23(1):12–28. DOI: <https://doi.org/10.1097/00012272-200009000-00006>.
17. Meleis AI. *Theoretical nursing: development and progress*. Philadelphia: Wolters Kluwer Health; 2016.
18. Fleury H, Faria B, Bines V, Helena C, Abdo N. A sexualidade de indivíduos transgêneros: recomendações para profissionais de saúde. *Diagn Tratamento*. 2023 [cited 2024 Aug 31]; 28(3):117-20. Available from: https://docs.bvsalud.org/biblioref/2023/11/1517919/rdt_v28n3_117-120.pdf.
19. Menezes L, Carrasco L, Murgo C, Rahe B. Invisibilização e preconceitos velados: barreiras para o acesso aos serviços de atenção básica pela população trans. *Rev Bras Med Fam Comunidade*. 2024 [cited 2024 Sep 10]; 19(46):e3961. Available from: <https://rbmfc.org.br/rbmfc/article/view/3961/1949>.
20. Borgert V, Stefanello S, Signorelli MC, Santos DVD. “A gente só quer ser atendida com profissionalismo”: experiências de pessoas trans sobre atendimentos de saúde em Curitiba-PR, Brasil. *Physis*. 2023 [cited 2024 Sep 10]; 33:e33036. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-7331202333036>.
21. Costa AB, Rosa Filho HT, Pase PF, Fontanari AMV, Catelan RF, Mueller A, et al. Healthcare needs of and access barriers for Brazilian transgender and gender diverse people. *J Immigrant Minority Health*. 2016 [cited 2024 Sep 10]; 20(1):115-23. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10903-016-0527-7>.
22. Coleman E, Radix AE, Bouman WP, Brown GR, Vries ALC, Deutsch MB, et al. Standards of Care for the Health of Transgender and Gender Diverse People, Version 8. *Int J Transgend Health*. 2022 [cited 2024 Sep 10]; 23(S1):S1–259. DOI: <https://doi.org/10.1080/26895269.2022.2100644>.

23. Abreu PD, Palha PF, Andrade RLP, Almeida SA, Nogueira JA, Monroe AA. Integral health care for transgender adolescents: subsidies for nursing practice. *Rev Latino-Am Enfermagem*. 2022 [cited 2024 Aug 22]; 30(spe):e3811. DOI: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.6276.3810>.
24. Oliveira GN. O projeto terapêutico como contribuição para a mudança das práticas de saúde [Dissertação de Mestrado]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 2007 [cited 2024 Sep 22]. Available from: https://unassus2.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/35093/mod_resource/content/1/un5/pdf/dissertacao_GNoliveira-PTS.pdf.
25. Ministério da Saúde (Br). Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Política nacional de saúde integral de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Brasília: Ministério da Saúde; 2013 [cited 2024 Sep 22]. Available from: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_lesbicas_gays.pdf.
26. Nobili A, Glazebrook C, Arcelus J. Quality of life of treatment-seeking transgender adults: a systematic review and meta-analysis. *Rev Endocr Metab Disord*. 2018 [cited 2024 Aug 22]; 19(3):199-220. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11154-018-9459-y>.

Contribuição dos autores:

Concepção, A.K. e J.S.A.; metodologia, A.K. e J.S.A.; software, A.K. e J.S.A.; validação, A.K. e J.S.A.; análise formal, A.K. e J.S.A.; investigação, A.K. e J.S.A.; obtenção de recursos, A.K. e J.S.A.; redação, A.K. e J.S.A.; revisão e edição, A.K. e J.S.A.; visualização, A.K. e J.S.A.; supervisão, A.K. e J.S.A. Todos os autores realizaram a leitura e concordaram com a versão publicada do manuscrito.

Uso de ferramentas de inteligência artificial

Os autores declaram que não foram utilizadas ferramentas de inteligência artificial na composição do manuscrito “*A teoria das transições como referencial para questões de pesquisa sobre identidade de gênero*”.